

Dirce Maria Antunes Suertegaray

Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (1972) obteve seu mestrado em Geografia (Geografia Física) pela Universidade de São Paulo (1981) e doutorado em Geografia (Geografia Física) pela Universidade de São Paulo (1988). Professora na atual Unijui entre 1973 e 1981 e na UFSM entre 1978 e 1985 é atualmente professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Geociências, com ênfase em Geografia Física, atuando principalmente nos seguintes temas: ambiente e cidade, desertificação/arenização, ensino de geografia e mais recentemente dedica-se o ensino de Epistemologia da Geografia. Coordena do grupo de pesquisa Arenização/desertificação: questão ambiental.

Entrevista conduzida por Glaucio José Marafon

Geo UERJ - Comente um pouco da sua trajetória de vida. Como escolheu ser profissional de geografia?

Profª Dirce - Eu nasci numa pequena cidade na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, Quarai. Esta fica às margens do rio de mesmo nome. Particularmente, nasci na zona rural, numa localidade denominada Saladeiro (este local leva essa denominação porque abrigou até 1930 uma antiga charqueada). Morávamos no campo, mas meu pai e minha mãe trabalhavam no comércio. Tínhamos um comércio de secos e molhados que muito vendia para os uruguaios. Descobri (há pouco tempo) que minha casa na campanha, era auto-sustentável. Meu pai embora comerciante (no campo) mantinha uma pequena chácara onde criava algumas vacas para leite entre outros pequenos animais para consumo. Mas o interessante da minha casa (anos 50) é que funcionava com energia proveniente do vento (tínhamos cata-vento e energia elétrica). Além disso, tínhamos água encanada proveniente da chuva acumulada numa cisterna (algibe,

no gauchês). Sua engenharia, pois tudo foi planejado por ele, sem ser engenheiro, estudou apenas até o quinto ano primário, era de uma visão muito interessante.

Fui alfabetizada pela minha mãe e estudei em escola rural. Vim para a cidade com 8 anos. Vivi também por dois anos no Uruguai. Jovem, saí de Quarai para estudar em outros lugares (em Quarai só tinha escola pública de qualidade até o ginásio na época). Estudei parte do segundo grau e a Universidade em Santa Maria (UFSM) onde me formei em Geografia. Após a formatura trabalhei no ensino fundamental e médio, redes particular e pública e também na Universidade. Por 9 anos desde 1973 ensinei na atual Unijuí, de lá retornei como professora para a UFSM/Santa Maria (1978) e finalmente em 1983 vim trabalhar na UFRGS, onde permaneço até hoje. Como escolhi geografia? Costumo dizer que desde criança meu desejo era ser professora, uma das coisas que gostava era brincar de professora. É lógico que a gurizada/meninada preferia brincar de pega-pega, daí os primeiros desencontros. Persegui esse objetivo embora meu pai desejasse que eu fosse engenheira ou farmacêutica. Escolhi geografia pela influência de meus professores, na escola tive duas professoras D. Ofélia Lucho e na escola normal D. Dirce (não lembro mais o sobrenome) minha tocaia (chara) que me faziam “viajar” com suas aulas por lugares que, se for pensar, até hoje não os visitei. Lembro quando elas explicavam sobre a existência das florestas. Nascida na campanha, eu tinha dificuldade de acreditar na existência destas. Realmente, percebi que tinham razão, as florestas existem, quando em 1971 fui para a Amazônia pela primeira vez. Nesta época já estava cursando geografia. Enfim minha trajetória tem unido nesses anos todos o sonho de ensinar com o sonho de viajar e decifrar lugares. Desde os mais próximos aos mais distantes.

Geo UERJ - Como foi sua graduação? Que leituras mais a marcaram? Quais as influências dessa fase?

Profª Dirce - Fiz a graduação em Geografia na UFSM. No período em que estudei (1969 /1972) a Universidade estava amordaçada, nada vivi de relevante do ponto de vista de uma formação mais ampla e ou de engajamento político a não ser ao

final do curso quando já iniciávamos uma luta pelas eleições de nossos representantes. Embora esse tempo difícil, eu trazia latente o envolvimento e o desejo de maior movimento herdado do convívio com a família onde a discussão política sempre esteve presente e também pelo breve envolvimento que tive enquanto aluna do ginásio entre 1961 e 1964, no movimento estudantil. Nesse período, na minha pequena cidade, já articulávamos discursos, fazíamos passeatas e escutávamos com atenção nossas lideranças estudantis, tinha apenas 11 anos. Assim ao sair da Universidade sentia um vazio, um sem rumo... Logo iniciei a trabalhar na UNIJUI, uma instituição de vanguarda na discussão política e engajamento comunitário. Nesta iniciei, junto com os jovens colegas da época, a discussão de clássicos das ciências sociais. Neste período lia-se Marx, Engels, Kant, Comte entre outros. Aí conheci as ciências humanas (em parte) e desde aí o meu contato com as humanidades é cada vez mais próximo. Foi também nesta época que li "Por uma Geografia Nova", de Milton Santos, surgindo desta leitura um fortalecimento ao que buscávamos, um novo pensamento geográfico. Esta fase da minha vida foi fundamental na minha formação. Desde então, apreendi a estabelecer o diálogo com as humanidades, e a fazer, a partir da Geomorfologia, minha geografia. É isto que tenho buscado desde lá.

Geo UERJ - Após a sua graduação, quais os lugares que trabalhou até ingressar na UFRGS?

Profª Dirce - Como já indiquei, logo que me formei trabalhei em escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio em Santa Maria, em Silveira Martins (distrito de Santa Maria) e em Ijuí. Meu primeiro emprego universitário foi em Ijuí. Trabalhei na atual Unijuí, desde 1973 até 1981. Criamos, juntamente com os colegas de Ijuí, Helena e Jaime Callai entre outros, o curso de Geografia (1976). Após o regresso dos cursos feitos durante o mestrado (USP) trabalhei, concomitantemente, em Ijuí e na UFSM. Este período foi de 1978 até 1983. Desde então vim transferida para Porto Alegre, UFRGS, onde permaneço trabalhando e acumulando 32 anos de ensino universitário.

Geo UERJ - Como foi seu encaminhamento para a geografia física e o aprofundamento na reflexão sobre a formação dos areais no Rio Grande do Sul?

Profª Dirce - Quando estudei Geografia e, em particular onde estudei (UFSM) o campo da denominada Geografia Física era mais presente em nossa formação. Além disto, tive um brilhante professor em Geomorfologia (Ivo Lauro Muller Filho), suas magníficas aulas me cooptaram para a área física. Devo confessar que ao chegar em Ijuí e conviver com as humanidades, balancei, e por algum tempo me perguntei se devia continuar na área de Geografia Física. Nesta época inclusive, ensinei Geografia Urbana (já em Santa Maria). Entretanto o conhecimento já adquirido na área da física que considerava mais sólido que nas humanidades, associado à possibilidade de articulação dos estudos da natureza com a sociedade, como nos ensinavam em Geografia, levaram-me a perseguir esta questão. Estávamos nesta época vivendo também a eclosão do movimento ambientalista que o RS foi um dos estados pioneiros. Foi no interior desse movimento que o RS descobre seus desertos (os areais). A imprensa passa a divulgá-los como um problema ambiental sério decorrente da expansão da lavoura de soja no estado. Este tema dominou a imprensa durante os primeiros anos da década de 1980. Eu, particularmente, tinha convivido toda minha infância com os areais, em terras que eram de meus tios, portanto já os conhecia e com eles tinha brincado. Meu avô, com seu carro puxado a cavalo, fazia transporte no município e desde muito conhecia os areais, antes, bem antes da presença da soja no RS. Foram estas vivências, associadas ao que a imprensa divulgava e o desejo de investigar um tema que me permitisse conjugar natureza e sociedade que me levaram a construir os areais, como objeto de estudo.

Desde a tese, dado que esta pesquisa inicia como proposta de doutorado e foi muito bem recebida pelo meu orientador, Adilson Avanci de Abreu, até o que faço hoje, o tema apresentou inúmeros desdobramentos.

Eu diria que foi esta construção, ao longo desses anos todos, que me permitiu trabalhar com Geomorfologia, trabalhar com a interface natureza e sociedade, ampliar a interface entre campos do conhecimento e chegar na

epistemologia da geografia, disciplina que me dedico hoje, embora a pesquisa na temática ambiental e na geomorfologia continue.

Geo UERJ - Seu trabalho em geografia e particularmente na geografia física foi ganhando uma dimensão nacional. Como foi essa caminhada que a tornou uma das mais conhecidas expressões da geografia brasileira?

Profª Dirce - Esta é uma pergunta difícil de responder, eu mesma não consigo avaliar o quanto isto é real ou o quanto tem de imaginário (riso). Início pela primeira parte: o que na minha avaliação permitiu uma visibilidade nacional da geografia diz respeito ao que venho construindo: no meu ponto de vista, é resultado do tema que escolhi. Por se tratar de um tema polêmico e de interesse do ponto de vista ambiental, ele despertou curiosidade e discussão desde o momento em que defendi a tese em 1988. Reconheço, também, que a curiosidade vem do fato de que construí uma explicação que vinha na contra-mão do que se dizia até então, ou seja, neguei que a expansão da lavoura de soja era causa primeira do processo de arenização. Problematizei em torno do uso do conceito de desertificação para explicar o processo que ocorria no Rio Grande do Sul e construí o conceito de arenização que na continuidade acabou sendo, em grande parte, aceito pelas diferentes comunidades científicas, com maior ou menor rejeição. Além disso, esse trabalho me fez questionar as políticas de expansão do eucalipto como forma de recuperação dessas áreas. Estas questões, polêmicas e contrárias à corrente, em meu entendimento permitiram o reconhecimento de meu trabalho, pois comecei a ser chamada, inclusive na imprensa para colocar a minha opinião. Na maioria das vezes os jornais disseram o que não disse, mas o espaço começou a ser construído. Reconheço também que o fato de ter desenvolvido a tese em São Paulo ajudou. Muitos dos contatos feitos pela imprensa nacional para que eu colocasse minhas idéias foram feitos graças aos meus colegas da USP que indicavam quem, no RS, trabalhava com o tema. Não posso deixar de mencionar que os eventos da AGB me permitiram através de mini cursos apresentar o tema e poder discuti-los com colegas de diferentes regiões. Existe

também um outro lado: aquele que diz respeito ao meu interesse por teoria e Método em Geografia, numa discussão aproximada com as humanidades. Creio que a busca de conexão entre natureza e sociedade é algo que me permite um diálogo com os colegas da Geografia Humana e da Geografia Física. Tenho efetivamente muitos amigos geógrafos neste país. Tenho um bom conhecimento da geografia brasileira que decorre de minhas andanças. Agora, até dizer que me tornei uma das mais conhecidas expressões da geografia brasileira é algo questionável. Eu não tenho essa percepção. Meu trabalho se equivale a tantos outros, constitui uma caminhada de trabalho individual e coletivo. Sou parte do movimento da Geografia construída no Brasil, desde os anos 70.

Geo UERJ - Em sua visão, como se situa a Geografia no mundo atual (quebra de paradigmas, desregulamentação, etc)? E no Brasil (mudanças curriculares, pesquisa)?

Profª Dirce - Minha compreensão é de que a geografia desde os anos 90 reivindica novas conformações. Estas novas conformações estão associadas à crise mundial que se identifica inicialmente com os anos 70 do século passado. Vivemos, desde então, significativas transformações no processo produtivo e no mundo do trabalho. O mundo da automação promoveu um processo de produção que elimina cada vez mais o trabalho humano do processo de acumulação. Ao se ampliar à exclusão social, novas geografias são demandadas. Estas resultam da reestruturação produtiva, do processo de mundialização da economia e da lógica de exclusão, que promovem, por sua vez, uma dinâmica de homogeneização/fragmentação resultante, de um lado, da lógica da expansão do capital e, de outro, da resistência de frações da sociedade ou mesmo de estados nações ao poder emanado do centro, a partir de diferentes formas da resistência cultural e por vezes religiosa. Como “tudo que é sólido desmancha no ar”, o que acontece hoje é um desmanche e uma reconstrução. O desmanche construído do ponto de vista intelectual, com a idéia de pós-modernidade fragmentou o conhecimento dado que, entre outras questões, negou a construção de

explicações gerais (as meta teorias). A sociedade, embora se diga globalizada, resiste, indicando e buscando se construir na diferença. Este movimento muda a Geografia. Hoje ela está sendo construída a partir de uma demanda significativa e diversificada de temas. Tende a valorizar a cultura e o ambiente e centra suas análises em grande parte em escalas locais (claro que mediadas pela global). Em outro momento escrevi e repito nesta entrevista que acredito que esta forma de pensar resume meu pensamento.

Este é, para mim, um debate necessário à Geografia. O desmonte da sociedade, sua fragmentação, terceirização, desregulamentação, exclusão nos encaminham mais à contemplação do mundo, do aqui e do agora, do que à busca de sua explicação na perspectiva da ação. A Geografia, por tudo aquilo que construiu, penso que pode aproveitar da maior liberdade metodológica que praticamos, do clima de aceitação das diferenças para demandar vários temas, mediados, na minha concepção, por uma compreensão mais totalizante e dar continuidade ao seu geogarfar.

A geografia brasileira segue este movimento. Observo que ela também se fragmentou em uma variedade de temas. Visualizo hoje duas tendências, sem desconsiderar outras leituras já consagradas, cada vez mais expressivas. De um lado, a Geografia Cultural, de outro, a Geografia preocupada com as questões operacionais sobre o ambiente, ou seja, elaboração de diagnósticos, zoneamentos e monitoramentos. A questão que se coloca para mim diante desta realidade é: esta é uma demanda da sociedade contemporânea? Penso que sim. Na medida em que o planeta se degrada, na medida em que a vida de cada vez um maior número de pessoas se degrada e, devido a isto, novas geografias (materializações espaciais) se manifestam, novas formas de interpretação, assim como novas formas de ação são necessárias. O que me parece, no entanto, é que rumamos, em parte, para duas formas de agir: uma delas através das demandas de gestão dos espaços excluídos e /ou alternativos ou através da gestão dos espaços degradados. Ambos pensados muitas vezes separadamente, ambos pensados por vezes de forma fragmentada, ambos pensados no contexto da reestruturação, refuncionalização, reordenação/gestão do espaço. Esta necessidade, entretanto,

se coloca para mim, como uma preocupação. Aquela que diz respeito a um terceiro movimento, o da reflexão sobre essas ações no sentido de buscar as mediações (ou para lá das aparências) as interpretações para que se possa obter uma compreensão do mundo em que vivemos e da geografia que produzimos. Trata-se aqui da valorização também das explicações teóricas, das tessituras desses temas vistos como fragmentos que, do meu ponto de vista, esperam por uma interpretação a partir de suas articulações. Para isto não deveríamos negar as meta explicações, mas, sim, construí-las. Tudo isto se reflete no ensino e na pesquisa e, para não me alongar, diria apenas que, hoje temos na constituição curricular um debate que parece indicar a necessidade de ampliação da instrumentalização em detrimento do saber teórico. Do meu ponto de vista, a formação geográfica exige cada vez mais uma sólida articulação entre conhecimento teórico, metodológico e instrumental, seja esta formação a do professor ou do bacharel.

Geo UERJ - Como ocorreu a sua inserção e militância na associação dos geógrafos brasileiros – AGB? Fale-nos dessa sua experiência inclusive como presidente nacional da AGB.

Profª Dirce - Iniciei como sócia da AGB, em 1973, quando a AGB Porto Alegre foi criada. Minha aproximação e trabalho mais efetivo com a AGB (militância) ocorreram desde minha vinda para Porto Alegre, quando ingressei na UFRGS. Iniciei colaborando nas atividades do dia a dia, colando selo nas correspondências, dobrando o “Notícias” (jornalzinho da AGB/PA), assistindo os debates interno; depois tornei-me membro da diretoria, no ano de 1988 tornei-me diretora e na mesma ocasião, em Maceió, fui convidada a compor a chapa da Arlete Moisés Rodrigues. Estive também na vice-presidência com Zeno Crossetti (1992 a 1994), sempre estive próxima às atividades da AGB. Afastei-me um pouco de 1994 a 2000, quando retornei para rever os amigos, eles próprios me pressionaram para ser presidente. A AGB, não tenho dúvidas, é a associação dos geógrafos brasileiros. Cada vez tive menos dúvidas sobre isto. Mesmo com todos

os conflitos e os expurgos (ocorridos nos anos 70), como falam alguns colegas, a AGB se mantém como referência, seja por estar com ela seja por não estar com ela. Constitui, portanto, nossa associação e por ela temos de trabalhar. Meu engajamento diz respeito a isto, devemos cada vez mais fortalecer a AGB, independentemente de nossas posições, pois não há espaço tão aberto ao diálogo quanto nossas reuniões, nossos encontros. O diálogo é tão amplo e democrático que por vezes contraditoriamente amarra as mãos do presidente. Mas é preciso conviver com as diferenças e apreender nas diferenças. Este foi sem dúvida o aprendizado que levei dos dois anos como presidente da AGB/DEN. Além da experiência política, que é muito significativa, devo reconhecer que, tendo sido presidente da AGB, tive a oportunidade de conhecer muitos lugares desconhecidos (para mim) do território nacional. Conheci o Brasil e grande parte da geografia brasileira. Foi muito importante na minha construção da geografia nacional esta experiência. Isto me permitiu pensar a Geografia sob outra escala. Conheci muitos colegas, fiz muitos amigos e amigas. Este lado amenizou a sempre desgastante atividade de presidir a associação. Desgastante, pois é uma função de responsabilidade, de confronto, de controvérsia onde é preciso estar atenta para poder construir um caminho amenizado pelo diálogo. O que apreendi na AGB? Escutar e fazer aquilo que o coletivo indicava. Embora tenha apreendido bastante, não foi suficiente. Meus opositores foram duros na semana do encontro (João Pessoa) e indicaram que muito do que tinha sido feito tinha caráter de centralização. Mesmo com toda a fragilidade que encontramos por vezes na AGB, essa associação é de fato uma escola de aprendizado político. Por isso devemos preservá-la e recriá-la sempre. Ela ainda carece de organização, mas é, como sempre fala nosso colega Ariovaldo, um movimento. Enquanto movimento é de uma riqueza impar e de grande significado para a Geografia brasileira. Considero, também, que a AGB é também uma escola. Seus encontros são um espaço de universalização do conhecimento sob todos os matizes. Isto nos enriquece e nos aproxima.

Geo UERJ - Como profissional de Geografia, tem participado de várias equipes de pesquisa, comissões de avaliação, etc. Como avalia a sua participação nas mesmas?

Profª Dirce - Minha participação nessas atividades é diferenciada. A pesquisa desenvolvo em equipe desde que terminei o doutorado. Não sei produzir conhecimento sozinha. Sempre estive associada aos colegas, alunos ou outros profissionais. Gosto da discussão, da controvérsia e nada melhor que a criação coletiva. Em equipes de avaliação (aqui me referindo à escala nacional) participo mais recentemente. Avaliar minha participação é algo difícil. Caberia mais aos meus colegas de equipe do que a mim. Posso dizer como me vejo. Tenho um senso de trabalho muito exigente. Não gosto de não cumprir, não gosto de deixar projetos inacabados, não gosto de deixar que outros façam por mim, não gosto de deitar-me em berço esplendido (só depois de tudo pronto, consertado, resolvido). Não sei se isto é bom, mas em equipe penso que sim, pois a colaboração e a partilha das atividades é fundamental. Gosto também da discussão que encaminhe uma solução, conflitar por conflitar não ajuda a equipe. Em equipe tento partilhar, ouvir e realizar. Desde que na equipe as forças sejam bem distribuídas. Se tiver um chefe autoritário terei dificuldades de convivência. Não sou mansa, tenho em equipe minhas posições, mas respeito sempre a decisão do conjunto do grupo. É mais fácil dividir responsabilidades. Em todas as equipes que participei tenho conseguido trabalhar de forma que a produção seja em conjunto. Tenho tido sorte em todos os grupos que trabalhei até hoje, meus colegas e alunos tiveram/têm o mesmo senso de equipe e por conta disto não tenho lembrança de frustrações. Sob outro aspecto diria que minhas frustrações em equipe vêm dos grupos interdisciplinares de pesquisa em âmbito institucional, já participei de vários, aqui a dificuldade é maior, na realidade a conjunção do conhecimento fica, em minhas experiências, pouco partilhada. Sob este aspecto temos muito que apreender.

Geo UERJ - Como avalia a pesquisa em Geografia Física na atualidade?

Profª Dirce - Tema polêmico. Eu posso responder a esta pergunta de duas formas. Do ponto de vista da construção conceitual enquanto campo do conhecimento ou enquanto a prática daqueles geógrafos que tem como objeto de investigação a natureza. Sob o primeiro aspecto vai mal, sob o segundo continua produtiva. Por que digo que sobre o primeiro aspecto vai mal, pois como já escrevi num texto editado na Terra Livre, causador de muita polêmica, não há na Geografia Física um referencial teórico conjuntivo que lhe permita ser pensada como unidade. Para alguns há, o geossistema. Na minha leitura geossistema é um conceito operacional, uma possibilidade analítica, um método, não é uma teoria explicativa da natureza. Por vezes somos levados a acreditar que a natureza é sistêmica. A natureza não é um sistema, ela pode ser interpretada como sendo um sistema, assim como já foi concebida como máquina. Alguns setores relativos ao que entendemos por natureza, por exemplo, a Geomorfologia tem um corpo referencial específico. Quem de nós não estudou a teoria do Ciclo de Erosão, ou de Pedimentação e Pediplanação ou a Teoria do Equilíbrio Dinâmico entre outras. Estas teorias buscavam e buscam a explicação do relevo, tratam de uma fração da natureza, no caso, visam explicar a gênese do relevo, mas não da natureza em seu conjunto. Esta fragmentação é resultado da compartimentação científica da modernidade e nesta do paradoxo geográfico - ciência da unidade, da relação entre natureza e sociedade e ciência da fragmentação em Geomorfologia, Climatologia, Hidrologia ou Biogeografia. Eu faço uma distinção, por exemplo, entre Geomorfologia (campo do conhecimento) e de Geografia (outro campo). Para alguns a Geomorfologia é um sub campo da Geografia, eu penso que interessa à Geografia o estudo do relevo e para tanto, ou para fazer Geografia necessitamos do conhecimento da Geomorfologia assim como necessitamos do conhecimento da Economia e da Ciência Política entre tantos outros, e ninguém diz que estas são sub campos da Geografia. Está é minha forma de pensar. Reconheço que não há unanimidade sobre esta questão, é salutar que não haja, assim o debate prossegue. Do ponto de vista do trabalho desenvolvido pelos

geógrafos físicos, tudo vai bem. Na atualidade há uma demanda significativa pelo conhecimento da natureza e estes tem desempenhado, cada um em suas áreas, avanços significativos. Além disto os estudos ambientais estão associados à “Geografia Física”, exatamente pela compreensão de que meio ambiente diz respeito à natureza. Esta visão favorece o avanço dos estudos feitos pelos geógrafos denominados físicos. Agora, o ambiental não se restringe a natureza e neste caso há, em meu entendimento, uma necessidade de ampliação do campo de visão, que nos exige compreensão das ciências humanas para poder discriminar problemas ambientais. A pergunta que me faço, portanto é: ao trabalhar com o ambiente, tema cada vez mais presente e dominante nos encontros setoriais ou temáticos da Geografia, estaremos nós fazendo Geografia Física? “No creo”.

Para finalizar, gostaria de dizer que se trata essa leitura de uma visão que não necessariamente é compartilhada pela comunidade da Geografia Física de maneira geral. Independentemente desta discussão, é grande a contribuição relativa ao conhecimento da natureza pelos geógrafos e com certeza devemos ampliá-lo.

Geo UERJ - Como você vê o ensino de Geografia na graduação e pós-graduação? Que pontos poderiam ser reforçados?

Profª Dirce - Temos sempre a percepção de que os bons cursos de graduação e ou pós-graduação se definem pela grade de disciplinas, pela quantidade de créditos. Briga-se para que os cursos ampliem o número de créditos. Cursos bons são os de tempo longo. Minha experiência me leva a dizer que a qualidade de um curso não está na grade ou nos créditos, mas, no seu corpo docente/discente. É comum ouvirmos os alunos alegarem que disciplinas existem por existir, aulas não são ministradas, ou são repassadas a terceiros. Costumam dizer que brincam de apreender enquanto professores brincam de ensinar. Em nome disto, penso que nós precisamos é de qualificação profissional especificamente no campo da educação, com seriedade é ética. Nesse sentido, penso que devemos nos

preocupar com o currículo em sala de aula, com o aprendizado e com a formação dos nossos alunos. Perdemos, por conta da burocracia que nos envolve, a possibilidade de sentarmos para discutir conteúdos, superposições, lacunas, além de formas mais apropriadas de ensino/aprendizagem. Isto faz com que hoje não tenhamos uma idéia na prática de como está se dando a formação de nossos graduados. Às vezes, a surpresa, quando a aluno constrói seu trabalho de graduação (ao final do curso) ou realiza seu estágio é gratificante, às vezes não. Penso que avaliar os cursos internamente, mas não burocraticamente, seria algo que permitiria qualificação. Embora tenha dito isto, penso que, de maneira geral, nossos cursos de graduação melhoraram significativamente. Em meu entendimento, pela expansão da pós-graduação. Percebo que os programas de pós-graduação alavancam a pesquisa geográfica no país, da mesma forma que a descentralizaram. Isto ampliou o conhecimento geográfico e o tornou mais acessível aos alunos e às comunidades mais distantes. Entretanto, penso que devemos avançar. O avanço viria na construção de redes e parcerias. Nosso país é muito grande e ainda há dificuldade de trocas entre regiões. Deveríamos fortalecer os intercâmbios entre graduados e pós-graduados entre professores de diferentes lugares. A riqueza de conhecimento seria extraordinária. Na minha compreensão um curso bem qualificado deve estar assentado em quatro eixos bem articulados, O teórico metodológico, o do conteúdo informacional, o instrumental e o experiencial. Além disso, nos cabe pensar a forma de ensinar. Nossas velhas formas parecem estar se esgotando. O transmitir conhecimento deixa lugar para o aprender a conhecer, portanto, a pesquisa como caminho no ensino-aprendizagem tende ou deveria ser cada vez mais estimulada.

Geo UERJ - De sua produção, que é significativa, destacaria alguma obra, que tivesse um significado especial?

Profª Dirce - Tenho um carinho especial por três de meus trabalhos publicados. Trata-se do livro “Deserto Grande do Sul controversia”, onde expus minha tese de forma resumida, ou melhor, tentei transformá-la em algo mais agradável ao leitor e

tudo indica que deu certo. Outro trabalho que tive um enorme prazer em realizar, foi o “Atlas da Arenização no Sudoeste do Rio Grande do Sul”, este expressa um trabalho coletivo, realizado com a colaboração significativa dos bolsistas com quem trabalhei durante a década de 90, além de jovens geógrafos que também participaram. Desde a idéia até sua concretização foi um caminho longo, difícil e ao mesmo tempo agradável de realizar. Por fim, o livro “Terra Feições Ilustradas” é outra obra que desejo fazer referência. O prazer de ter feito este livro é grande pelo fato de ter vindo à idéia de meus alunos, pelo fato de ter sido um trabalho de equipe, pela beleza das ilustrações na conjugação com os conceitos, pela grande aceitação de alunos e professores de Geografia no Brasil e, ainda, pela possibilidade que esse livro está permitindo aos professores de criarem alternativas de ensino, como muitos já me revelaram, saídas de campo, maquetes, novos livros (produzidos pelos pequeninos da escola fundamental, inclusive) entre outras formas de utilizá-lo, sem que se transforme, unicamente, em dicionário. Era desejo do grupo que o idealizou que ele não fosse utilizado exclusivamente como dicionário. Portanto, foi uma idéia que deu certo e todos nós ficamos muito gratificados.

Geo UERJ - Finalmente, que conselhos você daria a um jovem que se interesse pela Geografia e queira dedicar-se ao ensino e pesquisa? E a questão do mercado de trabalho, como se coloca nesse quadro?

Profª Dirce - Dar conselho aos jovens!!! Será!!? Algumas idéias para pensarmos. A Geografia é um campo do conhecimento maravilhosamente belo, fundamentalmente necessário. Nós geógrafos, semelhantemente, aos arquitetos, estamos sempre grafando a terra. Talvez em escalas, por vezes diferentes. Grafar a Terra tem sido nossa característica. Quando digo isto, me refiro ao fato de que os geógrafos sempre estão implicados em pesquisa e ação sobre a Terra (é característica, em meu entendimento, da profissão). É desejo dos geógrafos deixar a marca, ambientalizando, territorializando, regionalizando, urbanizando, ruralizando os espaços. Portanto, a formação deve ser cada vez mais sólida. Esta

deve estar alicerçada em conhecimento teórico e metodológico, informacional, instrumental e vivencial. Além dessa formação e/ou, através, dela não devemos desconhecer o conhecimento ético, dado que é sempre necessária sua presença e em particular nesta contemporaneidade. Tanto o licenciado como o bacharel deve ter formação sólida, não diferenciada. Quando falo em formação, não os diferencio. Há distinções de práticas profissionais (no âmbito das vivências). Aqui sim, temos práticas diferentes na formação (por exemplo, estágio em um órgão público e ou na escola). Mas nos demais quesitos não há que se fazer distinção.

Da formação, chegamos ao mundo do trabalho. Prefiro falar em mundo do trabalho a mercado de trabalho. Isto porque, ao me referir ao mundo do trabalho, incluo o mercado e suas possibilidades, mas, também incluo a falta de trabalho (a exclusão), o sobre-trabalho, a terceirização a flexibilização, enfim tudo o que devemos ter compreensão para podermos entender o trabalho na atualidade. Costuma-se ouvir sempre um choro: "não há trabalho para os geógrafos ou outras profissões ocupam nosso espaço". Os bacharéis sempre tiveram seus empregos vinculados ao estado. Nesta nova fase do capitalismo, observamos as políticas de estado mínimo, a terceirização e a flexibilização. O que isto acarreta: de um lado, diminuição do emprego vindo do âmbito público, de outro, uma ampliação do emprego vindo de setores não-governamentais através de ONG's, ou empresas ou mesmo o trabalho autônomo (terceirizado). Desde os anos 90, diferentemente dos anos 80, verifica-se no Brasil uma ampliação de chamadas de trabalho para geógrafos, IBGE, IBAMA, PETROBRÁS, ANA, ANEEL, EMATER, ou seja, espaços de pouca atuação dos geógrafos com exceção histórica do IBGE. Entretanto, é preciso observar que esses concursos entre tantos outros não são exclusivamente para geógrafos, seguem a lógica da flexibilização, e, para tal, concorrem vários profissionais. Isto indica, em meu entendimento, uma ampliação do mercado de trabalho (aqui, sim, mercado) para os geógrafos, quando comparado ao passado. Agora esta ampliação se dá num mundo altamente concorrencial e flexível (quem sabe faz ou quem passa no concurso é capaz). É disto que falamos, quando dizemos da necessidade de formação sólida devemos ter presente em nossa formação a dinâmica, também, do trabalho e de seus

dobramentos. É tarefa dos professores indicar a seus alunos esta reflexão, desvendar o véu da cegueira que nos impede de ver o que nos rodeia como bem demonstrou Saramago no seu livro Ensaio sobre a Cegueira. É por tudo isto que a tarefa do professor é hoje fundamental. Da mesma forma que o técnico, o professor está implicado com a necessidade de dar suporte ao mundo da informação. Nesse sentido a educação é cada vez mais importante e necessária. Nossa dívida educacional é imensa, mas, também aqui, em nome da dívida e de flexibilização costuma-se dizer quem sabe ensina. E mais, a educação transforma-se em mercadoria, e, sob esta perspectiva, educar se torna tarefa muito demandada, mas, pouco qualificada. Formar-se professor exige, assim como bacharel, formação sólida. O conselho? Estudar, construir-se criativamente e criticamente. Caminhar, já dizia o poeta que, caminhante não há caminho ele se faz ao andar.

Ao terminar quero agradecer aos colegas do departamento de Geografia da EERJ, na pessoa do Glaucio Marafon, pela oportunidade através desta entrevista, de pensar um pouco mais sobre Geografia. Obrigada a todos vocês. Espero não ter alongado demais a conversa.